

EJA: o caminho de volta à escola para pessoas trans

Shirley Nascimento¹
Ícaro Dias

Eixo: Práticas educativas na EJA em diferentes contextos.

Palavras-chave: Acolhimento. Evasão escolar. Corpos *queer*. Transsexuais.

Introdução

Dois educadores que se encontraram em suas divergências, pelos caminhos que trilharam tão discrepantes e com um objetivo em comum, tornar a educação mais inclusiva, essa é a motivação por trás deste estudo. O olhar atento aos educandos que perpassam nossas salas de aulas ao longo de mais de dez anos de educação permitiram evidenciar o quanto suas vivências interferem e influenciam em seus aprendizados. Falar sobre transgeneridade não é um acaso ou escolha aleatória, é tratar de experiências vividas que partiram de narrativas pessoais que nos despertaram sobre o mundo de preconceito que ocorre dentre os muros da escola.

— “Minha primeira experiência nesse sentido refere-se a uma conversa com uma aluna, em meados de 2013, durante um projeto confidenciou-me sua triste experiência. A amizade com uma de suas colegas tornou-se motivo de chacota e brincadeiras, que logo chegou aos ouvidos da mãe da garota. Essa nada satisfeita se dirigiu à escola para impedir a continuidade da amizade, armou-se uma confusão entre as meninas, os colegas, a mãe e a direção. O desconforto da mãe e alguns professores a obrigaram a afastar-se da escola, só poderia voltar no início do próximo ano, quando sua colega terminaria os estudos. Infelizmente o próximo ano não foi tão melhor, a maneira de se vestir e se comportar não agradava a todos, as piadas e o bullying revestido perpetuavam-se diariamente, sempre recebia vestimentas femininas em presentes ou apresentações, o que a chateava, já que não as identificava-a. Essa foi a primeira de muitas conversas e aos poucos compreendemos, não tratava-se dela e sim **DELE...**”

— “Para mim, não foi diferente, tudo também começou com uma narrativa de uma professora transexual que atua no município de Vitória da Conquista-BA, a docente relata que mesmo em pleno exercício da docência em uma instituição de ensino, o espaço escolar não foi estruturado para acolher mulheres e homens transsexuais e por mais que essas pessoas não aceitem essa paradigma social excludente, as pessoas trans que ali adentram, mesmo de modo simbólico e sutil, sofrem violências. Conhecer e escrever sobre causa indignação e, em certos momentos aflição, pois foram inúmeros os percalços que ela atravessou e atravessa para conquistar reconhecimento social e respeito na instituição onde atua como professora. Trata-se de uma história de lutas, resistências e muita força de vontade empreendida

¹ Universidade Federal da Bahia - UFBA email: shysn.nascimentosantos@gmail.com/
email: icaroped05@gmail.com

por ela, para se colocar no mundo, que tem sido extremamente violento e genocida para sujeitos homossexuais e transgêneros”.

Estar inseridos no cotidiano escolar permite vivenciar experiências e fatos relacionados a discriminação, preconceito e *bullying* de alunos de todos os tipos, mas as discrepâncias são ainda maiores e mais vexatórias ao tratar de corpos *queers*. “*Queer* em sua tradução literal quer dizer estranho, excêntrico, raro, ridículo, sendo utilizado como um vocativo pejorativo para designar pessoas fora da norma” (Amorim, 2018, p. 24). Entretanto, os autores que compõem essa “teoria”, classificam e a designam como termo vinculado à desconstrução dos modelos tradicionais impostos pela sociedade (Amorim, 2018; Bento, 2017; Butler, 2018; Colling, 2015; Louro, 2000).

Ao pensar sobre esses corpos na escola, o termo parece ainda mais literal, pois desconsidera-se que uma criança/ adolescente possa compreender seu corpo e seus desejos em libertar-se e transcender a sua maneira. A escola é para as crianças e adolescentes o espaço onde ocorre a maior parte de suas vidas. É na escola que aprendem a viver em sociedade, que enlaçam relações, compartilham momentos, desenvolvem sua personalidade e vivenciam suas primeiras experiências entre colegas e educadores. A escola torna-se o seu segundo lar. A escola desempenha um papel essencial na formação dos valores e atitudes dos estudantes, de forma que suas distinções deveriam ser enaltecidas e não discriminadas. A repetição do padrão preconceituoso preconiza na escola a não aceitação e intolerância, sufocando a minoria e expulsando-os do convívio dos considerados “normais”.

É nesse sentido que essa pesquisa centra-se no cotidiano da escola e na exclusão provocada por crimes de transfobia que perpetuam na evasão escolar, sobretudo em classes de Educação de Jovens e Adultos. Diante disso, o nosso objetivo com este estudo é compreender como a EJA atua no acolhimento a pessoas trans e conseqüentemente contribui no combate a evasão escolar.

Metodologia

O presente estudo revela a experiência de dois professores no desenvolvimento de uma pesquisa de narrativa de diálogos espaçados alunas transsexuais que frequentam a turma EJA II (Educação de pessoas Jovens e Adultas) no diurno na Escola Municipal Otávio José Curvelo, situada no município de Poções no Estado da Bahia. Os diálogos acontecem em torno de uma a duas horas e versam sobre suas respectivas experiências no campo escolar, a evasão em anos anteriores e a possibilidade de acolhimento pela EJA.

Análise dos resultados

“A escola ainda é uma instituição que promove o silenciamento sobre a sexualidade, acarretando efeitos discriminatórios na realidade de alunos de orientação homoafetiva e transexuais” (Amorim, 2018. p.37). Quando estudantes transgêneros apresentam hostilidade no ambiente escolar, eles podem se sentir excluídos e desmotivados a frequentar as aulas. Isso pode levar a um aumento do abandono escolar entre essa população e, conseqüentemente, prejudicar suas oportunidades futuras de emprego e desenvolvimento pessoal. Estar em sala de aula não significa aprender, estar na escola nem sempre significa estar acolhido, ser ouvido ou ter voz.

Considerações

Finais

A EJA nesse caso, atua como um caminho de volta à escola, por trazer característica principal um público mais adulto e maduro, alguns preconceitos disfarçados de brincadeiras acabam por não acontecer tornando o espaço mais agradável de convívio para a pessoa trans. De igual modo o público parece estar mais aberto e receptivos para compreender esses corpos e suas atribuições enquanto divergentes da sociedade, o que ocorre na verdade é um acolhimento dessas pessoas, elas se sentem parte de um todo, de um espaço mais familiar. segundo os relatos da alunas a EJA foi indispensável para a tomada de decisão de retorno à escola: “Sem a EJA provavelmente eu não teria nem pensado em realizar o meu sonho de me formar”.

Referências

AMORIM, Sylvia Maria Godoy. **Escola E Transfobia: vivências de pessoas transexuais**, 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2018. Acesso em: 26/07/2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153642>

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3ª ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017. 252 p.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Recurso digital.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer** - Salvador : EDUFBA, 2015. 268 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yj2qf>

LOURO. Guacira Lopes, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição - Belo Horizonte. 2000.